



### Monumentalidade

A escultora mineira Iole de Freitas diz que a reação das pessoas, diante do seu trabalho, costuma ser emocional

## Para guardar a memória do corpo

Iole de Freitas apresenta esculturas inéditas em Porto Alegre

EDUARDO VERAS

No começo, eram fotos do próprio corpo. Depois, vieram esculturas com fios de metal e pedaços de tecido. Mais tarde, telas e laminados de aço, chumbo, cobre e estanho, comprados em ferragens de São Paulo. Estes materiais, combinados com pedras de ardósia, aparecem no conjunto de esculturas que a artista plástica mineira Iole de Freitas, 48 anos, expõe a partir de hoje na Galeria Branca, na Casa de Cultura Mario Quintana, dentro do ciclo Arte Brasileira Contemporânea. Todos os trabalhos são inéditos. Foram realizados esta semana em Porto Alegre. Hoje às 17h, o crítico paulista Rodrigo Naves vai comentar a obra da artista na sala A2B2, na Casa de Cultura.

Iole, que já participou das bienais de Paris (1975), Veneza (1978) e São Paulo (1981), diz que há uma continuidade entre sua produção recente e as fotos e filmes experimentais que ela rodou na Itália, nos anos 70, com imagens refletidas em espelhos. "A questão da transparência, do brilho das telas e da influência da luz reaparece nas esculturas", compara. "Se você for olhar os trabalhos de fotografia, eles lidavam com os

mesmos problemas".

A artista monta as esculturas sem o uso de soldas ou qualquer tipo de cola. "O trabalho é todo feito através do gesto", explica. "Ele funciona como uma grande articulação". É neste ponto que haveria uma referência ao corpo humano. As esculturas de Iole de Freitas, que podem chegar a seis metros de altura e outros tantos de largura e comprimento, sugerem movimentos semelhantes aos do homem. "Não existe a intenção de fazer uma ilustração do corpo", esclarece a artista, que estudou balé dos seis aos 22 anos. "Como o trabalho é produzido numa relação de embate do corpo com o material, você tem uma memória do corpo".

**CONSTRUTIVISTA E BARROCO** — O esforço físico para dobrar as peças de metal chegou a causar um problema de coluna na escultora, que ficou imobilizada durante três semanas em 1992. Ex-diretora do Instituto Nacional de Artes Plásticas, extinto pelo governo Collor, a artista trabalha sempre a partir de um esboço no papel ou maquetes, matematicamente planejados. "Para que estas esculturas gigantes se posicionem no espaço, elas têm que ter um rigor de construção muito grande", justifica. Neste ponto, Iole vê pontos de contato entre o seu

trabalho e o construtivismo russo, movimento de vanguarda do início do século, paralelo ao cubismo.

A escultora também admite uma aproximação com o barroco, o estilo dos exageros e da grandiosidade. "Não é uma coisa evidente, mas há um movimento contínuo, que era próprio ao barroco", reconhece. "Há uma sinuosidade das linhas e, principalmente, um transbordamento do gesto". Diante de tanta grandiosidade, a reação do público costuma ser emocional. Iole observa que as pessoas sofrem um impacto, mesmo que não tenham entendido nada. "Acho que esta é a função da arte", ela diz. "Ela tem que despertar no outro uma percepção cada vez mais sutil. Às vezes, isso é mais importante do que a pessoa ter uma compreensão do ponto de vista da informação sobre o que seja ou não a arte contemporânea".

**O QUE:** exposição de esculturas de Iole de Freitas  
**QUANDO:** de hoje a 30 de junho, de terças a sextas, das 9h às 19h. Sábados e domingos, das 10h às 19h  
**ONDE:** na Galeria Branca, na Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736, 6º andar)